

# O feitiço de Exu: parcerias homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade *entendida* do Rio de Janeiro

Luís Felipe Rios\*

## Resumo

---

O artigo busca compreender os modos como homens jovens constituem parcerias homossexuais, em vistas a subsidiar respostas à epidemia do HIV. O estudo foi desenvolvido através de investigação etnográfica no circuito homossexual do Centro do Rio de Janeiro e em comunidades de Candomblé. O confronto entre as culturas sexuais investigadas tornou visível a existência de homologias entre algumas estruturas que orientam as interações sexuais. Foram identificados roteiros que fazem interagir personagens como o *mais velho* e o *mais novo*, o *ativo* e o *passivo*, o *bofe* e a *bicha*, *estabelecidos* e *outros*, o *príncipe encantado* e o *mocinho em perigo*, alocados em cadeias de desigualdades. Chama especial atenção para o surgimento de interações sexuais na infância e a recorrência de parcerias interetárias que revelam cadeias sexuais atravessando gerações e que podem se constituir em trajetos para a disseminação do HIV.

---

**Palavras-chave:** homossexualidade, geração, HIV/AIDS, religiões afro-brasileiras.

---

---

\* Psicólogo, Mestre em Antropologia, Doutor em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ. Professor Adjunto no Departamento de Psicologia da UFPE. E-mail: fipo@bol.com.br.

## Abstract

The paper has the objective of understanding the ways in which young men constitute their homosexual partnerships, in view of offering more effective responses to the HIV epidemic. The study was developed through ethnographic investigation in the homosexual circuit in the city of Rio de Janeiro and in the *Candomblé* communities. The comparison between investigated sexual cultures permits to identify the existence of homology between certain structures that orient sexual interactions. Scripts were identified that interact personages like the older and the younger, the active and passive, the stud (*bofe*) and queer (*bicha*), established and other, prince charming and the little boy in danger, that are allocated to levels of inequality. Calling attention to erotic interactions in childhood and the recurrence of intergenerational partnerships that reveal the existence of sexual chains that can constitute routes to the spread of HIV.

**Key-words:** homosexuality, generation, HIV/AIDS, afro-brazilian religions.

*“O culto para Exu (...) representa o principio da existência individualizada. Sua manifestação (...) tem um caráter de provocação e deboche. Sua maneira sutil e astuta poderia levar alguns Orixás à discórdia, ou ainda, a disputa do poder e da autoridade.”* (Mensagem postada em uma lista da internet.)

Neste trabalho apresento uma compreensão de como jovens homens que fazem sexo com homens – daqui a diante denominados HSH – constituem e significam, a partir dos referenciais oferecidos pelos grupos culturais nos quais transitam, suas parcerias e práticas sexuais.<sup>1</sup> Este estudo está localizado no campo das investigações que buscam entender os aspectos sociais da epidemia pelo HIV, e pensa os seus percursos como formatados pelos diferentes contextos sócio-culturais nos quais os indivíduos estão inseridos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este trabalho se constitui na síntese apresentada na defesa da tese *O Feitiço de Exu – Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da UERJ – Área de Concentração Ciências Humanas e Saúde (Rios, 2004). Quero agradecer a disponibilidade dos professores doutores Monique Augras, Veriano Terto Junior, Anna Paula Uziel e Sergio Carrara para avaliarem o “meu Feitiço”. Também ao professor Richard Parker, pelo aprendizado proporcionado no decorrer da orientação. Agradeço ainda Leandro Bastos, colaborador muito próximo na realização desta obra.

<sup>2</sup> R. PARKER, *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. Para referências bibliográficas completas, cf. **Bibliografia** no final do artigo.

O estudo<sup>3</sup> partiu de uma metodologia etnográfica, onde tomei como unidades de investigação e análise duas formações sócio-culturais integrantes da sociedade brasileira, comunidades de Candomblé e, o que denomino aqui, comunidade *entendida* – redes sociais<sup>4</sup> formadas por pessoas que, embora muitas vezes não se percebam e/ou visibilizem como homossexuais, “*entendem*” os códigos necessários para que interajam homossexualmente.

## 1 Os roteiros da vida sexual

Comecei minha descrição etnográfica abordando a opressão sexual hegemônica, que dá o tom para a apreensão das homossexualidades nas duas comunidades.

---

<sup>3</sup> A tese se organiza em quatro partes: uma introdução, onde são apresentados os balizamentos teórico-metodológicos da pesquisa; a primeira parte, dedicada à apresentação das homossexualidades jovens como vividas pelos homens em meio à vida social carioca. Dois capítulos a compõem: no primeiro, localizo a apreensão das homossexualidades em relação à sociedade abrangente; no segundo, investigo os roteiros de que os homens se utilizam para que enredos sexuais ganhem existência. A segunda parte é dedicada ao contexto das comunidades-terreiro. No capítulo III apresento a corporeidade como constituída pelo Candomblé e as implicações dessa em termos de reprodução social. No capítulo IV a tônica está em aprofundar os modos como os HSH são apreendidos na trama dos terreiros e apresentar os principais roteiros de interação sexual identificados. Finalmente, no capítulo V, me debruço sobre fragmentos de três trajetórias de vida a fim de acompanhar e analisar as performances concernentes ao sexual. Desvendando o feitiço – as considerações finais – retomo objetivos e análises buscando alinhavar as diferentes temáticas tratadas na tese. Este artigo é uma rápida síntese desta última seção.

<sup>4</sup> Estou seguindo a visão de comunidade como proposta por Haraway e pensando que, na contemporaneidade, o cimento das comunidades seria menos as redes familiares e mais as afinidades, as conexões, os enredamentos. Cf. D. HARAWAY, Um manifesto para o *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. [Cf. também M. CASTELLS, *A era da informação: economia, sociedade e cultura*]. Diz ela: “Prefiro, ideologicamente, uma imagem de rede, sugerindo a profusão de espaços e identidades e permeabilidade de fronteiras no corpo pessoal e no corpo político. ‘Enredar’ é não só uma prática feminista, mas também uma estratégia corporativa multinacional [...]” p. 271. Nessa perspectiva, lembra Parker (Cf. R. PARKER, *Abaixo do Equador*, p. 142): “Esse reconhecimento simultâneo das diferenças internas e, ainda assim, comunidade é o mais característico do mundo gay experimentado na vida brasileira contemporânea; a identificação ocorre não necessariamente por meio da afirmação da uniformidade, mas pelo compartilhamento da diversidade em um determinado campo de poder e de desejo.”

No caso da comunidade dos *entendidos*, a cultura sexual se constitui a partir do que é utilizado para julgá-los como sendo de menor valor social: a atração pelo mesmo sexo. Entre eles o corpo-carne paulino, interditado às práticas não-reprodutivas<sup>5</sup>, é, transgressivamente, re-insuflado por acréscimos de desejo.<sup>6</sup> Assim, o *enraizamento* dos atores no mundo – o modo como conceitualizo corporeidade<sup>7</sup> – se configura em resistência através do *tesão*.<sup>8</sup>

No caso do candomblé, o enraizamento vai se dar pelo *axé*, a energia mística que é engendrada nos seres humanos pela iniciação.<sup>9</sup> A sexualidade reprodutiva é retirada de cena<sup>10</sup>, mas as homossexualidades continuam apreendidas em cadeias de estigmatização<sup>11</sup>, marcando *status* e prestígios a depender de interlocutores, dos papéis e *performances* que lhes são exigidas para cada posição assumida nas hierarquias dos terreiros.<sup>12</sup>

O confronto entre as três formações culturais (Candomblé, entendidos e hegemônica) permite observar a existência de homologias de algumas estruturas que orientam as interações sexuais. Também, e por isso mesmo, permite ampliar a capacidade heurística da análise de certos achados, sobretudo quando confrontados a outras pesquisas. Nas comunidades investigadas (e alhures) quatro ordens vão organizar as práticas eróticas: *azaração*, com foco no olhar; *sarração*, com foco nos contatos corporais e fricções; *baco*, com foco na introdução de partes côncavas em convexas, além de uma ênfase nas práticas que vão além do papai-mamãe; *relacionamento*, que tem o foco no verbal. Assim, elas jogam em suas constituições com os espaços de proximidade corporal<sup>13</sup>, com o tipo de discursividade preponderante

<sup>5</sup> P. ARIÉS, São Paulo e a carne.

<sup>6</sup> R. PARKER, *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*.

<sup>7</sup> D. LE BRETON, *La sociologie du corps*.

<sup>8</sup> R. PARKER, *Abaixo do Equador*.

<sup>9</sup> J. BARROS; M. TEIXEIRA, O código do corpo: inscrições dos Orixás.

<sup>10</sup> R. SEGATO, *Santos e Daimones*.

<sup>11</sup> L. RIOS, Em busca da tradicionalidade: geração, gênero e sexualidade no candomblé baiano-carioca.

<sup>12</sup> M. TEIXEIRA, Loroqun: identidades sexuais e poder no candomblé.

<sup>13</sup> E. HALL, *A dimensão oculta*.

a intencionalidade dos atores. Além do mais, são operantes muito antes do que comumente se pensa em termos etários, sendo atuadas desde a infância.<sup>14</sup>

No que tange aos roteiros<sup>15</sup> de parcerias, estes parecem, ao dar sentidos aos atos eróticos, indexá-los em um conjunto de cadeias de desigualdades, opressões e dependências formatados em hierarquias que colocam em situação de maior vulnerabilidade os atores que estão nos patamares inferiores.<sup>16</sup>

Alinham-se aí roteiros que fazem interagir personagens como o *mais velho* e o *mais novo* (idade), o *ativo* e o *passivo* (prazer), o *bofe* e a *bicha* (gênero), *estabelecidos* e *outros* (status sócio-financeiro). Quando alinhavados pelo sentimento socioculturalmente constituído do *amor romântico*<sup>17</sup> – *salvadores* e *mocinhos em perigo* – as assimetrias são reforçadas em acréscimos nos vetores que orientam as desigualdades sociais.<sup>18</sup>

Localizadas as semelhanças, aprofundarei a questão das parcerias interetárias, uma vez que as cadeias sexuais que se formam podem se constituir em trajeto para o vírus da AIDS.

## 2 A saúde sexual de jovens (e crianças)

Pensando as categorias etárias, o padrão que tenho visualizado funciona do seguinte modo: crianças interagindo sexualmente entre si, em geral com pequenas diferenças de idade; estas, por sua vez, estão interagindo sexualmente com crianças mais velhas; que, ao seu turno, estão tendo intercursos sexuais com jovens; estes também estão interagindo entre si, em diferentes faixas de idade; numa cadeia sexual que chega até a *adultez...*

<sup>14</sup> L. RIOS, Parcerias e prática sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> W. SIMON; J. GAGNON, Sexual scripts.

<sup>16</sup> R. PARKER; P. AGGLETON, Estigma, discriminação e AIDS.

<sup>17</sup> F. ALBERONI, *Enamoramento e amor*.

<sup>18</sup> N. ELIAS; J. SCOTSON, *Os estabelecidos e os outsiders*.

Vale assinalar neste ponto as análises epidemiológicas que mostram aumento de casos de AIDS entre jovens de 13 a 19 anos.<sup>19</sup> Também lembro o período assintomático que varia entre 5 e 10 anos. Ora, se os dados revelam um avanço da epidemia para meninos e meninas entre os 13 e 19 anos, os jovens devem estar se infectando entre os 7 e 15 anos – o que reflete a idade das experiências sexuais dos homens com que andei conversado.

### 3 Dando caminho – subsidiando a construção de respostas

A partir das análises apresentadas quero fazer algumas considerações em relação à formulação de respostas ao HIV/ AIDS. Por um lado, volto a enfatizar que não podemos continuar a “tapar o sol com a peneira”, como se tem feito com a negação da sexualidade infantil, postergando a educação sexual para a adolescência, embora muitas crianças já cheguem a tal fase da vida enquanto elos de cadeias sexuais. Também não podemos “jogar o (que se supõe como sendo) lixo para baixo do tapete”, como se tem feito, por exemplo, com as formas e circuitos eróticos dos HSH. Tampouco acredito que se inscreva, como melhor resposta, aquela que busca “pagar na mesma moeda”, ou seja, responder aos efeitos da opressão sexual com mais opressão.

Enfatizo que as respostas ao HIV precisam cada vez mais adequar suas fórmulas, construídas dentro de um dispositivo (médico) de sexualidade, ainda focado no certo/errado, no normal/patológico, no são/pervertido rumo a incorporar as compreensões sobre as formas de eroticidade como efetivamente acontecem; além de retomar os ensinamentos aprendidos com o paradigma comunitário de quando surgiu.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> BRASIL, *Boletim epidemiológico – AIDS e ID*, Nota sobre a campanha de carnaval.

<sup>20</sup> L. RIOS, A fluxização da umbanda carioca e do candomblé baiano em *Terras Brasilis* e a reconfiguração dos campos afro-brasileiros locais.

Neste âmbito, lembro, junto com Watney<sup>21</sup>, que a adoção do sexo mais seguro, mais que uma escolha individual, é uma construção coletiva. Chico, que postergou sua iniciação sexual para após os 18 anos, e por já ter contato com a maciça veiculação de informações sobre o HIV, tem suas primeiras interações penetrativas em seqüência de solicitação do sexo oral com camisinha. Contudo, frente às recorrentes negativas dos parceiros, vem o abandono. Este exemplo mostra que a mesma coletividade que instrui os jovens da importância, e exige deles o sexo mais seguro, os leva a deixá-lo de lado no caso do sexo oral.

Atravessando a resposta comunitária estão as estruturas socioculturais, que, e muitas vezes em detrimento de informações, criam outras motivações que levam a práticas de risco.<sup>22</sup> O comentário de Ronald (aos 16 anos, negro, pobre) sobre o abandono do sexo mais seguro com o seu ex-parceiro, um homem de 35 anos, médico, *estabelecido*, deixa claro como as diferentes linhas de desigualdade social (saber, idade, atividade/passividade, classe/renda, amor romântico etc.) confluem para torná-los, ambos, mais vulneráveis ao HIV. A análise deste e outros relatos sugerem que é preciso juntar à ênfase dada à camisinha nos programas de prevenção, informações alternativas de como reduzir o risco de infecções sexuais para os que não querem ou para os que não podem utilizá-la, além de atacar os fatores que estruturam as desigualdades – um bom modelo para inspiração são as ações em redução de danos voltadas aos usuários de drogas.<sup>23</sup>

Ao mesmo tempo, e como um antídoto aos conservadores, para termos mais sucesso em nossas abordagens de educação em saúde sexual e de *advocacy* por uma sociedade mais eqüitativa precisamos reforçar pesquisas e ações em direitos sexuais.<sup>24</sup> Conceitualizar os desejos, os prazeres e vivências (homo)eróticas, tanto como construções sócio-cul-

<sup>21</sup> S. WATNEY, *Safer sex as community practice*.

<sup>22</sup> R. PARKER, *Abaixo do Equador*; ID., O estigma e a discriminação relacionados ao HIV/AIDS.

<sup>23</sup> A. MARLATT, *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*.

<sup>24</sup> R. PETCHESKY, *Direitos sexuais: um novo conceito na prática política internacional*.

culturais, quanto como bens afirmativos: o direito universal de usufruir plenamente do próprio corpo e dos prazeres que este pode oferecer.

É ainda para encontrar subsídios rumo à construção dos direitos sexuais que retomo a imaginética de meu *guia* e *compadre* – o Orixá que com suas brincadeiras de troca de lugar colocou o mundo em movimento. O que denominei neste estudo de o Feitiço de Exu consiste justamente na problemática vivida pelas pessoas quando se deparam com a tarefa de construir subjetividades sexuais e expressá-las em identidades a partir e em confronto com a realidade social em que se constituem, com os padrões ou roteiros acima apresentados, com as desigualdades sociais que se atualizam em agravos sociais.

Na linha de dar caminho ao feitiço, é com o próprio Exu que devemos nos valer. Lembro que, e sinalizando a ordem hegemônica, Exu é a divindade que permanece serva – escravo dos outros Orixás. Escravo-alforriado, morador das ruas e encruzilhadas, das “zonas morais”, libertino, avoaceiro... Ainda assim, escravo, pois carrega o estigma de que foi aprisionado em seu corpo, no “tição” de sua cor e em uma sexualidade considerada “promíscua”. Não obstante, os seus mitos mostram como, inconformado com as posições estabelecidas, responde criativa e libertariamente à opressão, apontando as contradições existentes nas categorizações instituídas.

Fico muito convencido de que seus exemplos são o antídoto para o seu próprio feitiço. Escorregadio, vermelho, quente como o *dendê*.<sup>25</sup> *Ele* e todas as representações e sensações que remetem ao erótico. *Exu* em sua gargalha irônica, *fechativa*, que blasfema do instituído, mas sem esquecer do instituinte – como que lembrando que mesmo as novas criações são passíveis de aprisionar, mais que libertar. Realmente creio que, na disputa para redescrevermos o sexual, temos muito a aprender com *Ele* – sobre provocação e deboche; sobre sutileza e astúcia; sobre como (quando é preciso) provocar a discórdia e entrar, com responsabilidade, nas disputas pelo poder e pela autoridade.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> R. LODY, *Tem dendê, tem axé: etnografia do dendenzeiro*.

<sup>26</sup> D. HARAWAY, Um manifesto para o *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socia-



## 4 Brasil, Brasil do Candomblé e Brasil *entendido*

Finalmente, quero pensar um pouco mais a relação entre Candomblé, comunidade *entendida* e cultura sexual hegemônica. A comparação entre elas me leva a crer que o Candomblé, mais que uma cultura de resistência e nicho da cultura africana no Brasil, vem se constituindo *pari passu*, em constante diálogo, atravessando e sendo atravessado pelos signos e sentidos da cultura englobante.

Ora, se as migrações maciças, os (fluxos e) contatos com (panoramas de) imagens, crenças (enfim, de culturas), de outros grupos e povos, vão ser, ao lado das (e dinamizadas pelas novas) tecnologias de informações (no encurtamento que proporcionam do espaço-tempo), responsabilizados pela modernização (posteriormente globalização) do país<sup>27</sup>, e com fortes conseqüências na compreensão e vivências do sexual<sup>28</sup>, pode-se afirmar que muitos desses processos já vinham afetando, desde antes do final do período escravista, as em-brionárias comunidades-terreiro.<sup>29</sup>

Volto a lembrar que estas se formaram fruto de uma série de dinâmicas que têm como marco a diáspora – com a assujeição de uma diversidade de povos negros. O empreendimento escravista exigiu que os negros reinventassem relações de parentesco e o próprio papel/ forma da família de modo a dar continuidade à reprodução social no novo meio. Eles precisaram negociar os panoramas de crenças postas em contato ainda durante o Brasil colonial – processo de sincretização (não só de deuses, mas de tudo o mais) que permitiu aos descendentes de africanos alinhar vários mundos; constituir o calidoscópio que intrigava Bastide<sup>30</sup>: nem África, nem Europa, tampouco Tupi-Guarani, mas Brasil.

lista na década de 80; E. MACRAE, Os respeitáveis militantes e as bichas loucas.

<sup>27</sup> A. APPARUDAI, Disjunção e diferença na economia cultural global; A. GIDDENS, *O mundo em descontrole*; S. SASSEN, *Globalization and its discontents*; e outros.

<sup>28</sup> R. PARKER, *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*; ID., *Abaixo do Equador*; D. ALTMAN, *Sex and Political Economy*; e outros.

<sup>29</sup> J. MATORY, Jeje: repensando nações e transnacionalismos; RIOS, A fluxização da umbanda carioca e do candomblé baiano em *Terras Brasilis* e a reconfiguração dos campos afro-religiosos locais.

<sup>30</sup> R. BASTIDE, *Sociologia de la religión*.

Quando as migrações e as verdades científicas trazidas com os ideais de progresso começaram a abalar a estrutura patriarcal brasileira<sup>31</sup>, os afro-descendentes candomblesistas já haviam se constituído e estavam “calejados” em relação ao que é processar mudanças de crenças e estruturas sociais em velocidade dantes nunca vividas.

Vale também lembrar que, neste caso, as estratégias para se perpetuarem enquanto comunidades foram estabelecer conexões, enredar-se e constituir políticas identitárias inclusivas. Em vez de guetos ou de comunidades focadas nas redes familiares biológicas, os terreiros se valeram (tanto quanto as comunidades *entendidas*) das irmandades, baseadas em afinidades.<sup>32</sup> A abertura para outras etnias, raças, religiões e classes sociais permitiu ter membros das mais diversas origens sociais no quadro dos terreiros. Os sujeitos, por seu turno, estavam estrategicamente espalhados por todos os setores sociais. Ainda que invisibilizadas fora dos terreiros, as irmandades continuaram servindo como redes de apoio para instaurar o acesso a um lugar melhor numa sociedade excludente e hierárquica.<sup>33</sup>

Posso também dizer que é certo que as constantes idas e vindas de *entendidos* entre ambas as comunidades, o encontro de *entendidos* e *macumbeiros* em outras irmandades, no samba, nas “zonas morais”, etc. levaram elementos de parte a parte. Pergunto, assim, em que medida não só o terreiro *influenciou* este nosso “mundo”; também quanto as comunidades *entendidas*, com seus membros conectados a outros grupos e comunidades, vêm oferecendo sua *influência* para fazer aparecer o que faz do Brasil, Brasil em sua cultura sexual.

Parker, em “Corpos, prazeres e paixões”, ao procurar pelos processos históricos que deram passagem à formação do que ele conceitualizou como subsistema erótico, concorrente na organização das sexualidades brasileiras, se remete

<sup>31</sup> R. PARKER, *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*; A. GREEN, *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*.

<sup>32</sup> D. HARAWAY, Um manifesto para o *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80; R. PARKER, *Abaixo do Equador*.

<sup>33</sup> R. DA MATTA, *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*.

sobretudo às transformações trazidas pela modernidade, desestabilizando o discurso religioso hegemônico cristão e as hierarquias de gênero. Não obstante, ele também lembra de um possível substrato subversivo em relação à ordem patriarcal antes mesmo que a modernidade chegasse. Não estaria ele se referindo às irmandades de afro-descendentes, enredando-se e espalhando-se nos quatro cantos do Brasil?

Indo adiante, interrogo em que medida, e em detrimento de nossos mais diversos pertencimentos e posicionamentos, não é possível atribuir como contributiva da formação do sistema que rege a constituição de representações e práticas eróticas dos brasileiros a convergência entre *tesão* e *axé* (as duas categorias chaves de enraizamento nas comunidades investigadas)? Ainda que a explicação não esteja bem nesta conexão, pelo menos é importante lembrar que, quando se fala em práticas sexuais que vão além do *papai-mamãe*, com toda a certeza, brasileiros e brasileiras – se não nos outorgamos a pecha de *metá-metá*, pelo menos – reivindicamos todos o título de exímios *entendidos!*

## Bibliografia

- ALBERONI, F. *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ALTMAN, D. Sex and Political Economy. In: *Sexuality and Social Change: An Agenda for Research and Action in the 21st. Century*. Rio de Janeiro: ABIA. Mimeo, 2000.
- APPADURAI, A. Disjunção e diferença na economia cultural global. In.: FEATHERSTONE, M. (Org.) *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARIÈS, P. São Paulo e a carne. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.) *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BARROS, J.; TEIXEIRA, M. O código do corpo: inscrições do Orixás. In: MOURA, M. *Meu sinal está em teu corpo*. São Paulo: EDICON/EDUSP, 1989.
- BASTIDE, R. *Sociologia de la religión*. Barcelona: Júcar Universidad, 1986.

- BRASIL. *Boletim Epidemiológico – AIDS*. Ano XV, n.º 01 – 48.<sup>a</sup> 2001 a 13.<sup>a</sup> 2002 semanas epidemiológicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Nota sobre a campanha de carnaval. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/final/imprensa/carnaval\\_2003\\_porque.htm](http://www.aids.gov.br/final/imprensa/carnaval_2003_porque.htm)> Acesso a 09/09/2003, 2003.
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- DA MATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1985.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GIDDENS, A. *O mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GREEN, A. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2002.
- HALL, E. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- HARAWAY, D. Um manifesto para o *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, H. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LANDES, R. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LE BRETON, D. *La Sociologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- LODY, R. *Tem dendê tem axé: etnografia do dendezeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.
- MACRAE, E. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: VOGT, C. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MARLATT, A. *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- MATORY, J. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 4, n. 9, Porto Alegre: PPGAS-UFGRS, 1998.
- MATORY, J. Jeje: repensando nações e transnacionalismos.

- 1999.
- PARKER, R.; AGGLETON, P. Estigma, discriminação e AIDS. *Coleção ABIA: Cidadania e Direitos*, n.º 1. Rio de Janeiro: ABIA, 2001.
- PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PARKER, R. *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro: Editora 34, ABIA, 2000.
- PARKER, R. *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PARKER, R. O estigma e a discriminação relacionados ao HIV/AIDS. *Boletim ABIA*, n. 48, 2002.
- PETCHESKY, R. Direitos sexuais: um novo conceito na prática política internacional. In: BARBOSA, R. PARKER, R. (orgs.) *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- RIOS, L. Em Busca da tradicionalidade: geração, gênero e sexualidade no candomblé baiano-carioca. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*. Ano 8, n.17. Rio de Janeiro: IMS-UERJ, 2002.
- RIOS, L. *O Feitiço de Exu – um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 2004.
- RIOS, L. F. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 19, sup. 2, S223-S232, 2003.
- RIOS, L. A fluxuação da umbanda carioca e do Candomblé baiano em *Terras Brasilis* e a reconfiguração dos campos afro-religiosos locais. In: CIUDADVirtual de Antropología y Arqueología. Congreso Virtual 2000. Disponível em: [http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Luis\\_Rios.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Luis_Rios.htm). Acesso a 11/09/2002, 2000.
- SASSEN, S. *Globalization and Its Discontents*. New York: The New Press, 1998.
- SEGATO, R. *Santos e daimones*. Brasília: Editora UnB, 1995.
- SIMON, W.; GAGNON, J. Sexual Scripts. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (Ed.) *Culture, Society and Sexuality: A Reader*. London: UCL, 1999.



London: UCL, 1999.

TEIXEIRA, M. Lorigun: identidades sexuais e poder no candomblé. In: MOURA, M. *Candomblé, desvendando identidades*. Rio de Janeiro: EMW, 1987.

WATNEY, S. Safer Sex as community practice. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (Ed.) *Culture, Society and Sexuality: A Reader*. London: UCL, 1999.